



VOZ DA FÁTIMA

(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Composto e impresso na Imprensa Commercial, á Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEFEIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

13 DE JANEIRO

MAIS um anno, um longo anno de glorias e triumphos, girou na roda do tempo sobre o poema divinamente bello e encantador de Fátima.

De 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1924, centenas de milhares de peregrinos acorreram de todos os pontos, ainda os mais remotos, de Portugal, a prestar a homenagem da sua veneração e do seu amor á augusta Senhora do Rosario, na terra que com seus pés virgínes ella se dignou pisar.

Que espectaculos de fé e piedade collectivas se desenrolaram alli deante dos olhos maravilhados de crentes e incredulos! Que confiança profunda e inabalável a das multidões ali reunidas, no poder infinito de Deus e na valiosa intercessão maternal de Maria Santissima! Que scenas incomparaveis de caridade para com o proximo em que se distinguem como protagonistas os admiraveis servos de Nossa Senhora do Rosario. Que paz d'alma, que fervor de devoção, que resignação assombrosa nos doentes de toda a especie que alli fazem horas e horas, aos pés d'Aquella que é chamada justamente a Saúde dos enfermos.

As forças demolidoras do mal não teem cessado de assestar as suas formidaveis baterias e de fazer fôgo vivissimo contra as muralhas d'aquella fortaleza inexpugnável, que é o terror dos seus inimigos.

E o sublime poema de Fátima lá continúa a formar-se, a crescer, a multiplicar, de dia a dia, as suas estrophes, sempre bellas, sempre puras, sempre harmoniosas, deliciando e arrebatando a todos com a delicada maviosidade e a doçura encantadora dos seus versos divinos.

Neste dia, como succede ordinariamente nos mezes de inverno, o tempo estava bastante agreste; soprando da serra um vento que nos enregelava até aos ossos.

Todavia, de vez em quando, o sol

espreitava por entre as nuvens, deixando longamente sôbre a terra os seus raios descoloridos e sem calor. Na fórma dos mezes anteriores, ás nove horas já uma multidão enorme se accumulava no local das aparições, junto da capella, do altar campal e da fonte maravilhosa.

As missas principiam e a onda de povo vae engrossando cada vez mais. Os fieis, previamente confessados, approximam-se em grande numero da Sagrada Mêsã.

Ao meio dia e trinta e sete minutos começa a ultima missa. Do alto do pulpito, o rev. dr. Marques dos Santos, reza o terço, alternadamente com o povo, que assiste á missa com profundo recolhimento e viva emoção.

De tempos a tempos um cantico acôrda os echos da montanha proxima, repercutindo-se de quebrada em quebrada. Que quadro impressionante de belleza e magestade augusta offerece aos nossos olhos maravilhados a mole immensa de povo ajoelhado em face do altar, naquelle templo sem limites que tem por pavimento a terra nua e por cúpula a abobada do firmamento!

E' agora o momento solemne da comunhão. Centenas de pessoas, de todas as condições, recebem o Pão dos Anjos, que é ministrado pelo celebrante.

O «Bemdito e louvado seja» é cantado por milhares de bocças, que assim protestam eloquentemente a sua fé viva no mysterio augusto da presença real de Jesus na Santissima Eucharistia.

Termina a missa. Em seguida dá-se a benção com o Santissimo Sacramento aos doentes. Estes são em grande numero. Numa cama portátil, collocada em frente do altar, no recinto destinado aos doentes, jaz uma senhora nova gravemente enferma. Nas feições reflecte-se-lhe visivelmente a grandeza do soffrimento que a tortura. O seu estado lamentavel inspira a todos os que a veem a mais sentida compaixão. Durante a benção muitos enfermos choram copiosamente. Não são prantos de desespero, são lagrimas de commoção, de esperança e de amôr, que lhes brotam dos olhos, confortando-os e consolando-os.

Por fim é dada a benção geral a

todo o povo, que a pouco e pouco se vae retirando para os seus lares distantes, levando saudades indeleveis de momentos tão preciosos passados na terra bemdita e sagrada de Fátima.

V. de M.

As curas da Fátima

Temos em nosso poder o relatório, longo atestado médico, radiografia e fotografia, sôbre uma importante cura (mal de Pott) cuja publicação reservamos para o mez de Maio.

Sabemos de mais, algumas já em nosso poder, outras que nos foram prometidas, devidamente autenticadas por atestado médico.

Entre outras recebemos as seguintes cartas:

«Sr. Director da VOZ DA FATIMA.

Peço a V. o favor de mandar publicar no seu jornalzinho a graça que minha esposa obteve da Santissima Virgem do Rosario da Fátima.

No dia 1 de Junho de 1923, Máxima da Piedade, do logar do Casal da Fonte, freguezia de Assentiz, concelho de Torres Novas, deu á luz uma menina, tendo uma hora feliz. No dia 7 do mesmo mez pelas 6 horas da tarde, acometeu-a um accesso de delirio extraordinario, e começou a resar a devoção das cem Avé-Marias. No dia 8 vendo-se cada vez peor, o marido saiu chamar o sr. Dr. Gonçalves, dos Soudos. Este deu poucas esperanças de melhoras.

Por mais esforços que se fizessem não se conseguia obrigar a doente a tomar alguma coisa. Desde que a demencia a acometêra, não dormia coisa alguma de noite, e de dia era preciso estar sempre a segurá-la para ella se não despedaçar. Quando se sentia preza mordida no que encontrava se a deixavam. A' meia noite socegou um pouco e então as pessoas que estavam encostaram-se um pouco na esperança de que a doente iria dormir devido a estar muito fatigada de tanto labutar. Na manhã do dia 9 pelas 2 horas, o marido chegou com muito

geito á porta do quarto pensando que ella dormia. Achou-a de olhar esparvorido que metia horrôr, olhou muito para elle mas não lhe disse nada.

Tentaram novamente applicár-lhe os medicamentos segurando-a o marido pelos pulsos, mas a desgraçada tanto barafustou que não poderam ser senhores della. Procurava até as mãos do infeliz marido para as morder. Todas as pessoas que assistiam áquella scena horrorosa sahiram para a sala com os olhos marejados de lágrimas, enquanto o pobre marido encostado á porta do quarto lamentava a triste situação em que ia ficar. Então a desventurada, no auge do maior acêssão de delirio começou por rasgar as roupas. Até puxou pelo rodapé da cama e esmordaçou o como se fôsse um animal raivoso. A um têrço, que a doente tinha pendurado no leito e de que tanto gostava, lançou-lhe as mãos e despedaçou-o todo. O marido contemplando aquella scena desoladora já pedia a Deus que a levasse ou que tivesse compaixão dum e doutro. O que não podia era vê-la a penar tanto. Voltou novamente a chamar o médico, não lhe restando esperança alguma de melhoras, lamentando a sua triste sorte e de quatro filhinhos que tão novos ficavam sem o abrigo da pobre mãe. No meio destes tristes pensamentos occorreu-lhe uma ideia. A de invocar Nossa Senhora do Rosario da Fátima: «*Senhora! Vós sois a consoladora dos aflitos, consolae-me tambem a mim, dae a saúde a minha esposa e não deixeis ficar meus pobres filhinhos tão pequeninos sem o abrigo da mãe!*» Prometeu dar uma esmola conforme as suas forças se a Virgem lh: concedesse esta graça. Chegando a casa do médico e contando o estado da doente pediu-lhe para elle lá voltar. Este respondeu que não ia lá fazer nada, que levasse um remédio mais forte, e se não obedecesse áquella, então não obedeceria a mais nenhum. Mas voltemos ao que se passou em casa da doente. Enquanto o marido da pobre demente chamava o Dr., as pessoas que ficaram ao pé da doente, vendo os gestos que ella fazia, uivando como os animais ferozes, rasgando e mordendo tudo o que encontrava, que causava profundo horror, unidas num espirito de fé viva, invocaram Nossa Senhora do Rosario da Fátima, com uma confiança inabalável, que só ella é que poderia pôr termo a tão horrivel sofrimento, prometendo cada pessoa por si o que a sua fé permitiu. Graças a Nossa Senhora da Fátima as suas preces fôrão ouvidas!

Passados 20 minutos, ou o muito, meia hora, a doente sentou-se na cama, as pessoas que estavam fôrão para a obrigar a deitar-se. Outra pessoa, porém, disse: está socegada, deixemo-la estar, e puzeram-lhe um cháله pelas costas. A doente, como quem acorda d'um sono, perguntou: o que está esta gente aqui a fazer? A seguir perguntou-lhe a mãe se queria tomar alguma coisa. Disse-lhe que sim, e tomou uma chavena de leite com todo o apetite. Todas as pessoas que estavam ficaram como petrificados com o que viam pois já

havia 36 horas que a doente não tomava coisa alguma. O marido ao chegar a casa e sabendo o que se estava operando na esposa, não pode contêr as lágrimas de suprema alegria, pois pensava estar já viuvo áquella hora. Entrou no quarto, sentou-se na borda do leito mas não dizendo nada. Ella então respondeu: ao menos diz adeus! Elle vendo a mudança que se tinha operado em sua esposa, a companheira de seus dias, a muito custo pode conter as lágrimas. Perguntou-lhe ella porque estava tão triste. Não é nada, respondeu elle. As pessoas que a tratavam andavam a passos lentos, receiando que a doente se tornasse a transtornar devido á grande fraquêza em que estava. Esta ignorando o que se tinha passado, decidiu se a dizer: podem andar e fallar á vontade que não me doe a cabeça. Até áquella data não tinha alimento algum para a recém-nascida sendo preciso chegarem-na ao peito d'algumas visinhas. E desde aquelle dia começou a ter sustento com tanta abundancia que ainda criou alem desta, uma outra menina duma criatura que foi ser ama dum menino dum sr. capitão. Graças a Nossa Senhora da Fátima, passados poucos dias estava completamente restabelecida sentindo a mais perfeita saúde, da qual ainda hoje goza e sua filhinha.

Esta senhora conta que, pouco mais ou menos quando invocaram a Senhora da Fátima, no seu espirito houve como que o reflexo d'um relampago na mais escura noite de inverno e como quem está morta e torna á vida.

Foi pois com muita satisfação que esta familia foi com a protegida de Nossa Senhora á Fátima no dia 13 d'Outubro de 1923 agradecer á Virgem do Rosario tão grande e importante favor!

Peço a V. o favor de desculpar minhas desalinhavadas palavaras, tão singélas como verdadeiras deste que se subscreve

M. F.

«... Vou agora contar o milagre que a Virgem Santissima quiz fazer n'esta minha freguezia de Candelaria (Ilha de S. Miguel) em que temos como Padroeira Nossa Senhora das Candeias.

José Jacintho de Araujo, de 17 anos de idade, filho de Manuel Jacintho de Araujo e Gertrudes do Carmo, tendo adoecido em maio de um ataque de reumatismo, ficando aleijado sem se poder mecher na cama, tendo a perna direita torcida, chegando ultimamente a ataca-lo no coração. Mandou-se chamar o médico, mas nada lhe fez bem, até que ultimamente o médico declarou (eu mesmo sou testemunha), que o meu cunhado não escapava. Nesta altura eu disse ao doente que recorresse com muita fé a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, que ia mandar buscar a água santa e ella o curaria. Ficou o doente com muita fé á espera da água. Foi então que eu escrevi a V. Rev.^a para m'a mandar. Ella chegou cá no dia 13 de Outubro, não podendo servir-se d'ella nesse dia, porque che-

gou tarde. Ficou para o dia 14. Logo de manhã cedo fomos ter com o Rev.^{mo} P.^e José Machado Ferreira para o ir confessar e dar-lhe a Sagrada Comunhão, o que tudo se fez. Depois o Sr. P.^e deu-lhe água a beber e a mãe pegou na terra santa juntamente com a água, esfregou-lhe a perna durante 3 dias e bebeu água nove dias. Nesse dia o doente não quiz falar com a familia, mandou fechar a porta do quarto e esteve a rezar todo o dia o Rosario. Quando se chegou á noute, estando a familia, uns por um lado outros por outro, o doente levantou-se da cama e começou a andar pelos quartos, milagre da Virgem Santissima e principio da sua cura. Depois d'isto, porém, ao doente appareceram nas costas dois tumôres como dois ovos. Ao cabo de seis dias chamou-se o médico que mandou pôr panos de água quente e os lancetou, e agora está melhor, graças á Mãe Santissima.

O doente fez promessa de ir todos os dias á Missa durante um anno».

Obtiveram graças que reconhecidamente veem agradecer a Nossa Senhora da Fátima:

«D. Maria da Conceição Bernardino, de Rio Maior, que tendo ido á Fátima e desejando trazer água miraculosa de Nossa Senhora, levando para isso um garrafão, que por acaso se quebrou na viagem com uma fenda no fundo.

Aconteceu, porém, elle não entornar sequer uma gota d'essa água bendita, ao passo que entorna bastante água doutra qualquer procedencia. Desejando vêr esta graça, que N. Senhora lhe concedeu, publicada na «Voz da Fátima», desde já agradece antecipadamente».

«As Irmãs Terceiras Dominicanas Portuguezas, da Congregação de Santa Catharina de Sena, estabelecidas em Limeira, Estado de S. Paulo, Brazil, agradecem a Nossa Senhora do Rosario da Fátima a cura d'uma das suas Irmãs, de nome Maria do Rosario Figueiredo, que estava ha mezes com febre e, tendo-se feito uma novena a Nossa Senhora do Rosario da Fátima, a febre desapareceu. Graças sejam dadas á Virgem Santissima!»

A illustre familia ingleza Harney oferece a N. Senhora da Fátima uma quantia em prova de reconhecimento por graças recebidas.

D. Pledade de Almeida (rua D. Estephania, 123, Lisbôa) igualmente manda uma quantia para N. Senhora em agradecimento de se ter curado dos efeitos de uma queda grave.

D. Maria de Lourdes de Barcellos Coelho Borges (Angra—Ilha Terceira) vem humildemente agradecer a N. Senhora do Rosario da Fátima uma grande graça recebida.

D. Maria Emilia Pignatelli Queiroz, (Casado Cruzeiro—Vizeu) agradece a N. Senhora do Rosario a graça da cura d'um seu filhinho gravemente doente. Tendo feito uma ne-

vena e dando a beber ao doentinho água da fonte das Aparições, ao segundo dia da novena o doente começou a melhorar sensivelmente e em breve se restabeleceu.

Um devoto de Nossa Senhora da Fátima (Monção) agradece á SS. Virgem da Fátima a cura que uma doente grave obteve por sua intercessão.

D. Aurelia Val do Rio Henriques (R. Angra do Heroísmo 2, á Estefânia, Lisbôa) achando-se doente e affita por duas vezes no intervalo de alguns mezes, prometeu a N. Senhora, se a aliviasse, de enviar esta declaração para o querido jornalzinho «Voz da Fátima» o que faz com o maior prazer para honra da Santíssima Virgem.

D. Maria da Conceição Pinto Rocha, (R. Candido dos Reis, 75 — Viana do Castelo), deseja que sejam publicadas na «Voz da Fátima» as seguintes graças: — A cura d'uma ferida quasi instantanea com a applicação da água da Fátima depois de ter invocado N. Senhora com muita confiança.

A cura de uma creancinha que se encontrava muito mal e que após meia hora de ter tomado um chá das folhinhas das arvores daquelle logar santo e de ter invocado N. Senhora da Fátima com a promessa de publicar a graça obtida, foi repentinamente curada a creança. Vem publicamente agradecer a N. Senhora todas estas graças e favores, como também as melhoras de duas pessoas doentes e d'uma a quem N. Senhora defendeu duma má companhia, afastando-lha quando essa pessoa corria para um caminho mau.

Juntamente algumas pessoas lhe pedem para serem publicadas as suas acções de graças por muitos favores recebidos.

Maria Benta, da Mata dos Milagres (Leiria), que tendo um seu filhinho de dez mezes de idade doentinho com enterite, tendo-lhe o médico dito que nada havia a esperar, recorreu com muita fé a N. Senhora da Fátima, dando-lhe a beber água da Fátima, começando logo a creança a melhorar, encontrando-se hoje restabelecida.

D. Laurinda Marques, (R. da C. do Duque de Lafões, 41, Beato — Lisbôa), que numa necessidade temporal recorreu a N. Senhora da Fátima sendo attendida.

Envia um donativo para N. Senhora.

Maria da Conceição da Silva Mattos, envia uma quantia para N. Senhora da Fátima em agradecimento de a ter curado duma grande queda que deu d'uma varanda abaixo para um lagedo, quando, creada de servir, sacudia um tapete.

Missa do meio dia

A Missa do meio dia é celebrada por intenção dos peregrinos, principalmente dos doentes.

A pequenina apostola

Um domingo, quasi ao fim da Missa, o zeloso pároco achou-se subita e gravemente doente. Mal teve tempo de se desparamentar e, sem poder attender um nucleo de pessoas que em volta do confessorario o esperava e dar andamento a outros assumptos, teve de recolher á cama.

Passados oito dias o povo voltava para assistir ao enterro do seu muito querido e estimado director e pastor.

Varias comissões foram pedir ao Prelado a nomeação de novo pároco. Elle, de coração angustiado e os olhos cheios de amarguradas lagrimas, via-se forçado a responder que não tinha quem mandar pois que o Seminario não dava o clero sufficiente nem elle poderia privar de pároco outras freguezias igualmente necessitadas.

Uma ou outra vez lá passava pela freguezia, veloz como uma setta, algum sacerdote que mal podia demorar-se uns instantes. O bastante para morrer... mas insufficiente para viver.

No principio o povo procurou defender-se...

Havia uma pessoa que mandava o seu carrinho para que um sacerdote viesse administrar os ultimos Sacramentos, celebrasse aos domingos, fizesse um pouco de catequese, baptizasse e assistisse a casamentos.

Depois era o sacerdote que, de bicycleta ou a pé, por lá apparecia todos os oito ou quinze dias.

Todavia a vida moral ia enfraquecendo...

Houve primeiro um enterro civil... depois muitos outros.

Primeiro um casamento civil... depois outros se lhe seguiram.

A descida acentuava-se.

O povo acostumou-se a ficar em casa nos domingos em que chovia... depois mesmo quando o tempo estava bom.

Uma velhinha de oitenta annos, antigamente de comunhão diária, morreu sem Sacramentos.

— Para que servem elles!... disseram os visinhos.

Sem caixão nem nada (as tabuas estão muito caras!) assim a levaram quatro visinhos para o cemiterio e lá a meteram numa cova com menos respeito e aparato do que fariam a um animal qualquer.

Acabado isto foram á taberna beber uma pinga.

Tudo isto sem odio nem má intenção, sem escandalisar ninguem. Era o habito que vinha... vinha...

Comer, beber, dormir, trabalhar... para nada d'isso, nem os bois nem os homens tinham necessidade de pároco.

Dorme, pois, para ahi velho presbyterio, antigamente tão viva e acolhedora casa... fecha as tuas janelas, como um morto fecha os olhos...

O teu papel de vigilante amor acabou.

Agora presides a um cemiterio de... almas.

No entanto, havia na aldeia uma

joven de quinze annos, que guardava uma vaca e algumas ovelhas de sua mãe enquanto ia fazendo *crochet*.

O seu nome de Christiana converteu-se no de *Cricri* porque era conhecida.

Um dia vendo passar, banalmente, de cigarro ao canto da bôca, os homens que levavam para o cemiterio a velha Maria sua amiga, o sangue deu-lhe uma volta. Entrou na igreja de paredes esverdinhas, poz agua benta num copo e espalhou a com tristeza sobre a tumba.

Os homens olharam para ella e sorriram-se com um sorriso que não era de reprovação.

No outro dia a pequena *Cricri* agarrou numa vassoura e numa pá e foi limpar a igreja.

Abriu a sacristia, arejou os paramentos, limpou o pó.

Surpresa do Sacerdote quando chegou!...

Pela primeira vez aquella igreja lhe deu uma impressão agradável.

— Foste tu que fizeste isto, *Cricri*?

— Sim, fui eu... respondeu ella corando.

— Está bem! Visto isso vou tocar para a Missa. Ha de ser um toque de festa!

Apareceram cêrca de uma duzia de creanças e trez pessoas maiores.

O Sacerdote deu a cada uma um santinho encontrados pela pequena em uma gaveta.

— *Cricri*, queres ajudar-me assim todos os oito dias...?

— Quero sim, senhor Padre, da melhor vontade.

— No proximo domingo, reunidas as creanças, vrei fazer o catecismo e heide-lhes trazer premios... A ti, nomeio-te minha «coadjutora».

— Oh! senhor Padre!

O Sacerdote, porem, não voltou mais.

Quando chegou a casa encontrou ordem do seu Prelado para ir para outra parte onde a falta era ainda maior.

Sem nada dizer a ninguem, a pequena sentiu intimamente a falta de coragem a invadil-a; chorou... sentindo como que as azas quebradas.

Depressa, porém, sacudiu tão tristes lembranças.

Quasi todos os dias reunia as creanças perto da sua vaca e explicava-lhes que nós estamos no mundo para conhecer a Deus para o amarmos e servirmos.

Lia-lhes *Boletins* paroquiaes e outros jornaes catholicos, quando conseguia havel-os.

Apesar da sua timidez ia vêr os doentes, ajudava bem morrer os moribundos, recitando-lhes as orações da agonía e rezava junto dos mortos.

Teimosa, fazia parar os enterros deante da igreja, ia accender as velas e não deixava que os cadaveres fôsem para a terra sem as benções de Deus.

A pouco e pouco a sua intervenção foi julgada indispensavel e já mesmo todos contavam com ella.

A tarde ia á igreja recitar o seu

erço e quando havia muita gente, recitava-o alto.

Dia a dia o apostolado ia-se tornando uma necessidade para a sua alma.

Como um passageiro sonhador debruçado nas grades do navio se pergunta a si mesmo em que ponto do oceano se encontrará, assim Christiana se demorava ás vezes de noite á janella a contemplar o ceu, semeado de estrelas, no meio das quaes voga a terra... esta tão pequenina terra!...

E, de mãos levantadas pela emoção, bradava alto no meio da noite: *Pae Nosso, que estaes no Ceu.*

E o seu exemplo fazia que outros levantassam tambem os olhos para o Ceu...

E assim, ha cinco annos, esta pequenina apostola, uma aldeã quasi desconhecida, conserva viva uma faisca que um dia se converterá em incendio.

As almas não de incendiar-se l... Christiana tem a certeza d'isso.

Quando? E' segredo de Deus.

Lá além, em qualquer parte está um seminarista da sua idade... um joven generoso que offereceu os seus vinte annos ao Creador... e que se prepara para vir, aqui, um dia, executar a obra divina.

E se esse joven não encontra a igreja a cair, a fé morta, as almas fechadas para sempre á fé, será por causa d'essa creança externamente semelhante a todas as outras, de quem ás vezes algumas pessoas se riem, mas que os velhos, lá da outra vida, e os anjos contemplam com admiração, pois que ella guarda o «fôgo»... o fôgo que é o Amôr... o fôgo que é Deus!

O numero 13

Talvez por acordar remorsos em muitas almas, porventura mais perversas e criminosas que a de Judas, anda este numero muito desacreditado.

Muitas vezes temos feito a nós mesmos esta pergunta: porque iria Nossa Senhora escolher o dia 13 para aparecer na Fátima?

Ora, sem querermos sondar os designios sempre imprescritaveis da Providencia, não parece que esta teve em vista chamar a nossa attenção para essa multidão de traições, que nós, sob a capa de amigos, fazemos tantas vezes a Jesus sobretudo na Eucharistia?

Elle ahí está, vivo, real, como que aniquilado de amôr nas nossas igrejas, á espera das creaturas e... quem pensa nisso?

Se aparece ahí pelas ruas ou numa praça, um boneco, todo o mundo vem vêr e se interessa.

Está Nosso Senhor á espera na igreja ou passa de visita a um moribundo e, ás vezes, tem de ir ás occultas e ninguem faz caso!...

— Não parece ainda que a escolha do dia 13 é como que uma censura tacita contra esse fervilhar de superstições em que vive enleada e

se afunda tanta gente, desviando-se do verdadeiro culto e amôr a Deus?

Quando Moysés, passados quarenta dias, desce do Monte Horeb encontra cá em baixo, na planicie, os israelitas extasiados em adoração a um bezerro d'ouro.

Ora quando os povos deixam as alturas serenas e limpidas da Igreja embrenham-se cá em baixo numa apertada rede de superstições e, se não adoram o bezerro d'ouro, adoram o ouro do bezerro, divinizam as paixões tornando-se semelhantes aos animaes irracionais, escravos dos sentidos.

Todas as almas necessitam absolutamente de Deus. Os mesmos que o negam ou o não amam são afinal os mais preocupados com esta ideia que não podem apagar da consciencia. Estes parecem-se um pouco com as creanças que, no meio duma floresta, tomam a resolução de cantar e fazer barulho para espalhar o medo.

Não adoram a Deus nem a Jesus Christo mas tremem se, por exemplo, estiverem 13 á mesa ou virem uma borbolêta preta.

Não acreditarão nos milagres, na Igreja, nos Sacramentos, mas invocarão as almas dos mortos e creirão nas pancadas de uma mêsá.

E quanta gente que se diz catholica, que fez profissão, no Baptismo, de renunciar ao demonio, vae pressurosa consultar feiticeiros e recorre a outros meios reprovados pela Igreja, logo que qualquer doença ou dificuldade a allige?

Que o numero 13, pois, trazendo á lembrança o crime de Judas, nos constitua na necessidade de evitarmos as traições não menos hediondas que fazemos a Deus com os peccados mortaes.

E' necessario viver a fé e que esta não seja só de palavras.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte do n.º 27	526:000
João Severino Gago da Camara	10:000
D. Guilhermina Alvares Fortuna	12:500
Subscrição aberta pela Ex. ^{ma} Sr. ^a D. Camilla Nogueira	271:000
Soma	819:500

Voz da Fátima

Despezas	
Transporte	23:686:970
Tipografia (19:000 exemplares)	437:000
Outras despezas	55:000
Soma	24:178:970

Subscrição	
(Continuação)	
P. ^o Martinho Pinto da Rocha	10:000
D. Anna Correia	10:000
D. Maria Gertrudes	10:000
D. Marianna Grave Descalço	10:000
Pacifico Martins	10:000
D. Maria da Luz Guimarães Pestana	10:000

D. Vivia Street d'Arriaga Braamcamp Sobral	50:000
D. Michaela Caroco	10:000
D. Marianna Vilar	10:000
D. Elvira Serranho Monteiro	10:000
P. ^o João Augusto de Faria	10:000
D. Maria da Encarnação Mourão	10:000
Jeronymo Sampaio	10:000
D. Maria Primitivo Castro	10:000
José Castello Branco e Castro	10:000
Manuel Araujo Pereira	10:000
Manuel Pacheco	10:000
D. Rosalia Maria de Pina	10:000
Condessa de Nova Gôa	10:000
D. Maria da Conceição Fernandes Cadeco	10:000
D. Maria José da Silva	10:000
D. Guilhermina Fontes Pereira de Mello	10:000
D. Emilia Augusta da Luz	10:000
D. Marcelina Carneira	10:000
D. Luiza de Jesus Manso	10:000
P. ^o Luiz Caetano Portela	10:000
D. Deolinda da Purificação Costa	10:000
D. Maria Pereira dos Santos	10:000
D. Maria de Jesus Lacerda	10:000
D. Elmina da Cruz Côrte	25:000
Joaquim Pedro da Silva	10:000
D. Maria da Piedade Fajardo Magalhães Monteiro	10:000
D. Ludovina de Jesus-Lopes	10:000
D. Elvira Rosa da Cruz	10:000
D. Maria das Mercês Bianchi Coelho Borges	10:000
De jornaes (P. ^o J. dos Reis)	10:000
De jornaes (Francisca Fiti-paldi)	117:000
De jornaes (J. Oliveira Dias)	36:000
D. Maria José Assis Gomes	10:000
Joaquim Domingues Urbano	10:000
P. ^o Manuel de Souza	10:000
D. Josefa Carolina de Matos Chaves	10:000
P. ^o Francisco Joaquim da Rocha	10:000
Ayres Gomes	10:000
D. Emilia Nunes da Rocha	10:000
D. Laurinda Marques	10:000
D. Maria do Patrocinio Chaves	10:000
D. Maria Clara da Silva Lobo	10:000
D. Palmira Garcia	15:750
D. Leopoldina Pacheco	15:750
D. Carolina Cabral	41:350
P. ^o João Ramos Ferreira	10:000
D. Maria da Apresentação David Gonçalves (5 assignaturas)	50:000
D. Maria Rodrigues Ferros	10:000
D. Anna da Silva Barreto	10:000
Dr. Luiz d'Oliveira	10:000
D. Anna Charters	10:000
Comendador João Curado	10:000
P. ^o José de Ceíça	10:000
D. Conceição Martins da Rocha	10:000
Ignacio Antonio Marques	10:000
D. Virginia Vieira Dias	12:000
Madame Leonor Vieira	10:000
Joaquim Dias Souza Aroso	10:000
D. Maria da Conceição Tocha Figueiredo Lourenço	40:000
D. Anna Albertina Lourenço Ferreira d'Abreu	40:000
Dr. Eurico Lisboa	20:000
João Duarte Simões Baião	10:000
D. Ema Falcão de Mendonça	10:000

N. B. — Ficam ainda cerca de 400 subscriptores á espera de vez.